

DONATO CARRISI

A HIPÓTESE DO MAL

Tradução de
Carlos Aboim de Brito

MILA

Relatório 397-H/5

Transcrição do registo às 6.40 horas de 21 de setembro [REDACTED].

Objeto: telefonema para o número de emergência de [REDACTED].

Operador: agente Clara Salgado.

Operador: Emergências. Quem fala?

X: ...

Operador: Senhor, não o ouço. Quem fala?

X: Chamo-me Jes.

Operador: Tem de me dizer o nome completo, senhor.

X: Jes Belman.

Operador: Quantos anos tens, Jes?

X: Dez

Operador: Onde estás?

X: Em minha casa.

Operador: Podes dar-me o endereço?

X: ...

Operador: Jes, podes dar-me o endereço, por favor?

X: Moro em [REDACTED]

Operador: Está bem. O que se passa? Sabes que este é o número da polícia? Porque telefonaste?

X: Eu sei. Estão mortos.

Operador: Disseste «estão mortos», Jes?
X: ...
Operador: Jes, estás aí? Quem está morto?
X: Sim. Todos, estão todos mortos.
Operador: Isto não é uma brincadeira, pois não, Jes?
X: Não, senhora.
Operador: Queres dizer-me o que aconteceu?
X: Sim.
Operador: Jes, ainda estás aí?
X: Sim.
Operador: Porque não me contas? Diz com calma, se quiseres.
X: Veio ontem à noite. Estávamos a jantar.
Operador: Quem é que veio?
X: ...
Operador: Quem, Jes?
X: Disparou.
Operador: Está bem, Jes. Eu quero ajudar-te, mas tu também tens de ajudar-me agora. Ok?
X: Ok.
Operador: Estás a dizer-me que à hora do jantar um homem entrou em casa e começou a disparar?
X: Sim.
Operador: E depois foi-se embora e não disparou sobre ti. Estás bem, não é verdade?
X: Não.
Operador: Queres dizer que estás ferido, Jes?
X: Não. Não se foi embora.
Operador: O homem que disparou ainda está aí?
X: ...
Operador: Jes, por favor, responde-me.
X: Diz que devem vir. Devem vir já.

Linha interrompida. Fim do registo.

1

A estrada começou a animar-se quando faltavam poucos minutos para as seis.

Os camiões do lixo esvaziaram os contentores dispostos diante das vivendas como soldadinhos obedientes. Depois, foi a vez do veículo que varria o asfalto com as vassouras rotativas. De seguida, vieram as furgonetas dos jardineiros. Os relvados ingleses e as ruas foram libertados de folhas e ervas, as sebes retomaram a altura ideal. Acabada a tarefa, foram-se embora, deixando para trás um mundo ordenado e um silêncio tranquilo.

O lugar feliz estava pronto para ser apresentado ao olhar dos seus felizes habitantes, pensou Mila.

A noite decorrera em sossego, como todas as noites naquele sítio. Por volta das sete, as casas começaram, lentamente, a despertar. Por detrás das janelas, pais, mães e filhos pareciam atarefados e alegres pelo novo dia que tinham pela frente.

Mais um dia de uma vida feliz.

Enquanto os olhava, sentada no seu *Hyundai* estacionado no início do quarteirão, Mila não sentia inveja porque sabia que, raspando um pouco a superfície dourada, surgia sempre algo diferente. Por vezes o verdadeiro quadro, feito de luzes e de sombras, como deveria ser. Mas, outras vezes, havia um buraco negro. Eras invadido pelo hálito pútrido de uma voragem faminta, e parecia-te que, lá do fundo, alguém balbuciava o teu nome.

Mila Vasquez conhecia bem o chamamento do escuro. Dançava com as sombras desde o dia em que nascera.

Estalou os dedos, forçando a pressão sobre o indicador da esquerda. A dor breve deu-lhe o impulso para manter a concentração. Daí a pouco, as portas de entrada das vivendas começaram a abrir-se. As familiazinhas deixavam as casas para enfrentar o desafio do mundo – que para elas havia sido sempre demasiado fácil, pensou Mila.

Viu os Conner a saírem de casa. O pai, o advogado Conner, tinha quarenta anos, físico magro sob um fato cinzento impecável, cabelos ligeiramente grisalhos que punham em relevo o rosto bronzeado. A mãe era loura, com o corpo e a cara de uma rapariga ligeiramente envelhecida. O tempo nunca se encarniçara sobre ela, Mila tinha a certeza disso. E, depois, vinham as meninas. A maior frequentava o ensino básico. A pequena – uma cascata de caracóis – ainda no infantário. Eram o retrato dos pais. Se alguém ainda tivesse dúvidas sobre a teoria da evolução, Mila tê-las-ia dissipado, mostrando-lhes os Conner. Eram belos e perfeitos e, obviamente, só podiam viver no lugar feliz.

Depois de ter beijado mulher e filhas, o advogado entrou num *Audi A6* azul e rumou à sua brilhante carreira. A mulher entrou num *SUV* da *Nissan*, de cor verde, para acompanhar as meninas à escola. Nesse momento, Mila saiu do seu velho automóvel para entrar na vivenda – e na vida – dos Conner. Não obstante o calor, tinha escolhido como indumentária um fato de *treino*. O verão acabara há menos de um dia mas, se tivesse vestido uma t-shirt e calções, as cicatrizes teriam chamado muito mais a atenção. Segundo os cálculos que fizera nos dias precedentes, desde que iniciara a vigia, tinha apenas quarenta minutos até a senhora Conner regressar a casa.

Quarenta minutos para descobrir se o lugar feliz escondia um fantasma.

Os Conner eram o seu objeto de estudo há algumas semanas. Tudo começara acidentalmente.

Os polícias que trabalham nos casos de desaparecimento não podem esperar sentados a uma secretária que haja uma denúncia, dado que, por vezes, quem desaparece não tem uma família que o possa fazer. Porque é estrangeiro ou porque cortou as pontes com

tudo há muito tempo ou, simplesmente, porque não tem ninguém no mundo.

Mila chamava-lhes «os predestinados».

Indivíduos que tinham um vazio à sua volta sem imaginarem que, um dia, poderiam ser engolidos. Por isso, primeiro devia procurar o caso, depois a pessoa desaparecida. Andava pela rua, batendo os lugares do desespero, onde a sombra morde cada passo e nunca te deixa sozinho. Mas os desaparecimentos ocorriam, também, na presença de um ambiente afetivo saudável e protegido.

Por exemplo, quando desaparecia uma criança.

Podia suceder – e infelizmente sucedia – que os pais, distraídos por uma ensaiada rotina, não se dessem conta de alguma pequena, mas fundamental, mudança. Era possível que alguém fora de casa se aproximasse dos filhos sem que eles viessem a sabê-lo. As crianças tendem a sentir-se culpadas quando recebem as atenções de um adulto, porque se verifica um conflito irresolúvel entre duas recomendações habitualmente dadas pela mamã e pelo papá: de facto, é difícil fazer uma distinção entre o dever de se mostrarem educados com os adultos e evitarem o contacto com os desconhecidos. Qualquer que seja o comportamento escolhido, haverá sempre algo a esconder. Mas Mila descobrira uma ótima fonte de informação para saber o que estava a acontecer na vida de uma criança.

Por isso, todos os meses visitava uma escola diferente.

Pedia autorização para andar pelas salas de aula quando os alunos não estavam. Detinha-se a olhar para os desenhos pendurados nas paredes. Por vezes, a vida real estava presente mas mascarada naqueles mundos de fantasia. Estava, sobretudo, condensada no conjunto de emoções secretas, e por vezes inconscientes, que as crianças absorvem e expelem como uma esponja. Gostava de visitar as escolas. Agradava-lhe, especialmente, o odor – lápis de cera e cola de papel, livros novos e pastilha elástica. Oferecia-lhe uma misteriosa tranquilidade. Dava-lhe a ideia de que nada lhe poderia acontecer.

Para um adulto, os lugares mais seguros são aqueles onde estão as crianças.

Fora no decurso de uma destas explorações que Mila, no meio de dezenas de desenhos expostos numa parede, descobrira o da filha

mais nova dos Conner. Escolhera ao acaso aquele infantário, no início do ano escolar, e tinha lá ido durante o recreio, enquanto as crianças estavam no pátio. Detivera-se no seu minúsculo mundo, desfrutando daquele cenário de gritos festivos provenientes do exterior.

O que a surpreendera naquele desenho da pequena Conner era a família feliz representada nele. Ela, a mamã, o papá e a irmãzinha no relvado na frente da casa. Um belo dia de sol sorridente. Os quatro de mãos dadas. Porém, afastado da cena principal, havia um elemento que destoava. Um quinto personagem. Provocou-lhe, de imediato, uma estranha inquietação. Parecia que flutuava e não tinha cara.

Um fantasma, pensou Mila instantaneamente.

Estava quase a desistir quando se lembrou de procurar na parede outros desenhos da pequena e descobriu que a obscura presença regressava em todos eles.

O pormenor era demasiado preciso para ser casual. O instinto dizia-lhe para aprofundar.

Interpelou a professora da menina que foi muito simpática e lhe confirmou que a história dos espectros já durava há algum tempo. Explicou que, por experiência, não havia motivo para preocupação – habitualmente acontecia este tipo de situações depois da morte de um parente ou de um conhecido. Era o modo como os menores faziam o luto. Por escrúpulo, a professora tinha perguntado à senhora Conner. Embora na família não houvesse registo de falecimentos recentes, algum tempo antes a pequena tinha tido um pesadelo noturno. Poderia ser essa a causa.

Mas Mila aprendera com os psicólogos infantis que as crianças atribuem a figuras reais semelhanças de personagens de fantasia, não necessariamente heróis negativos. Assim, poderia acontecer que o estranho se transformasse num vampiro, num simpático palhaço ou até no Homem-Aranha. No entanto, havia sempre um detalhe que desmascarava o duplo, tornando-o, novamente, humano. Recordava o caso de Samantha Hernández, que representara com as feições de Pai Natal o homem de barba branca que se aproximava dela todos os dias no parque. Só que no desenho, como na realidade, tinha uma tatuagem no antebraço. Mas ninguém se dera

conta disso. Assim, ao ser desprezível que a raptou e matou bastara a promessa de um presente.

No caso da pequena Conner, o elemento revelador era a repetição.

Mila estava convencida de que a menina se assustara com alguma coisa. Tinha de descobrir se se tratava de uma presença real e, sobretudo, inócua.

Como sempre, decidira não avisar os pais. Era inútil criar alarmismos ou suscitar apreensões infundadas só por uma vaga suspeita.

Começara a vigiar a pequena Conner para identificar as pessoas com quem entrava em contacto fora de casa ou nos poucos momentos em que estava longe da vigilância dos seus, como quando estava no infantário ou nas aulas de dança.

Nenhum estranho parecia particularmente interessado na menina.

As suas suspeitas eram infundadas. Acontecia muitas vezes, mas não se importava de ter lançado ao vento dias de trabalho, dado que a recompensa era uma sensação de alívio.

Mas, por puro zelo, decidiu visitar, também, a escola da filha mais velha dos Conner. Nos seus desenhos não havia nenhum elemento ambíguo. Mas a anomalia ocultava-se numa história que a professora tinha dado como trabalho de casa.

A menina tinha escolhido uma história de terror, cujo protagonista era um fantasma.

Era possível que fosse apenas o fruto da fantasia da irmã mais velha a influenciar e a assustar a mais pequena. Ou então era a prova definitiva de que não se tratava de uma pessoa imaginária. Talvez o facto de não ter descoberto nenhum estranho suspeito significasse que a ameaça estava muito mais próxima do que inicialmente considerara.

Não um desconhecido, mas alguém de casa.

Por isso, decidiu efetuar uma nova exploração, desta vez junto da casa dos Conner. Também ela deveria transformar-se.

De caçadora de crianças em caçadora de fantasmas.

Faltava pouco para as oito da manhã. Mila enfiou os auriculares de um leitor mp3 – desligado – e, procurando parecer uma

corredora matinal, percorreu em passo acelerado o troço de rua que a separava da ruela de entrada. Quando estava perto da vivenda dos Conner, virou para a direita, ladeando a construção até chegar às traseiras. Tentou, primeiro, a porta de serviço, depois as janelas. Fechadas. Se tivesse encontrado uma entrada já aberta e alguém a surpreendesse, poderia utilizar a desculpa de que tinha entrado em casa por suspeitar que estivesse lá um ladrão. Não se livraria de uma acusação de violação de domicílio mas, assim, teria a hipótese de fazê-lo facilmente. Pelo contrário, ao forçar uma fechadura, expunha-se a um risco tão inútil como estúpido.

Repensou na razão por que estava ali. Não era possível explicar uma percepção instintiva, todos os polícias sabiam-no bem. Mas, no seu caso, havia o irresistível ímpeto de ultrapassar sempre a fronteira. No entanto, não podia certamente bater à porta dos Conner e dizer: «Olá, algo me diz que as vossas filhas estão a correr perigo por causa de um fantasma que pode ser uma pessoa de carne e osso.» Assim, como muitas vezes acontecia, a desconfortável sensação prevaleceu sobre o bom senso: regressou à porta de serviço e forçou-a.

Bateu de imediato contra um aparelho de ar condicionado. Na cozinha ainda estavam os pratos do pequeno-almoço. No frigorífico estavam coladas fotografias das férias e testes da escola, nos quais se destacava uma boa nota.

Mila tirou do bolso do fato de treino um estojo negro, de plástico. Continha uma microcâmara do tamanho de um botão, da qual saía um cabo que servia de transmissor. Graças ao sistema *wireless* e à internet, poderia vigiar à distância o que acontecia na casa. Só tinha de encontrar o local mais apropriado para colocá-la. Olhou para o relógio e começou a explorar os restantes espaços. Não tendo muito tempo, decidiu concentrar-se nos compartimentos onde decorria a maior parte das atividades familiares.

Na sala de estar, junto dos sofás e da televisão, havia uma estante com embutidos em raiz. Em vez de livros continha os certificados de mérito alcançados pelo doutor Conner no desenvolvimento da profissão forense ou distinções que conquistara graças ao seu empenho na comunidade. Era um cidadão exemplar, muito estimado. Numa

prateleira estava bem visível um troféu de patinagem no gelo, ganho pela filha mais velha. Partilhar o espaço das condecorações com outro membro da família era uma ideia simpática, pensou Mila.

Sobre a lareira, uma fotografia mostrava os Conner sorridentes e harmoniosos, vestidos com confortáveis camisolas vermelhas, todas iguais. Possivelmente, uma espécie de tradição familiar de Natal. Mila nunca poderia ter posado para um retrato semelhante. A sua vida era muito diferente. *Ela* era diferente. Desviou rapidamente o olhar, porque achava aquela imagem insuportável.

Decidiu passar em revista o piso de cima.

Nos quartos, as camas estavam desfeitas e esperavam o regresso da senhora Conner, que abandonara a carreira para se dedicar ao cuidado da casa e das filhas. Mila deu uma rápida olhadela nos quartos das meninas. No dos pais, o guarda-roupa estava aberto. Parou a observar os vestidos da senhora Conner. A existência de uma mãe feliz despertava-lhe curiosidade. Havia uma espécie de anticorpo dentro dela que lhe neutralizava os sentimentos, de modo que não podia saber o que sentia uma mãe feliz. Mas poderia imaginá-lo, isso sim.

Um marido, duas filhas, uma casa confortável e protetora como um ninho.

Por um instante, Mila perdeu de vista o objetivo da exploração e reparou que alguns vestidos pendurados nas cruzetas tinham tamanhos diferentes. As mulheres muito bonitas também estão sujeitas a engordar, comprazeu-se. A ela isso não acontecia. Era macérrima. De qualquer modo, considerando os amplos vestidos com que escondera os quilos em excesso, devia ter sido difícil para a senhora Conner recuperar a linha. Subitamente, Mila deu-se conta do que estava a fazer. Perdera o controlo. Em vez de andar à caça dos perigos, tornara-se, ela própria, um perigo para aquela família.

A estranha que invade o espaço vital dos outros.

Além disso, perdera o sentido do tempo, e a senhora Conner já poderia estar de regresso. Assim, decidiu sem demora que o sítio ideal para colocar a microcâmara era a sala de estar.

Identificou o local mais adequado no interior do móvel dos livros com os troféus de família. Servindo-se de uma fita adesiva de

dupla face, colocou o engenho de modo a ocultá-lo o melhor possível entre os objetos. Mas, enquanto se dedicava à operação, a margem direita do seu campo visual foi perturbada por uma mancha de cor vermelha, como uma luz pulsante à altura da parede acima da lareira.

Mila parou para voltar-se e ficou a observar de novo a fotografia de família com as camisolas vermelhas que antes descurara por uma absurda inveja. Ao olhá-la melhor, o quadro idílico mostrava algumas fendas. Em particular, havia um silêncio nos olhos da senhora Conner, como se fossem as janelas de uma casa desabitada. O advogado Conner parecia esforçar-se por parecer radiante, mas o abraço com que cingia a mulher e as filhas não transmitia um sentido de segurança, quando muito de posse. E havia também outra coisa qualquer naquela imagem, mas Mila não conseguia identificá-la. A felicidade postiça que rodeava os Conner escondia algo de errado. Depois viu-o.

As meninas tinham razão. Havia um fantasma no meio deles.

No fundo da fotografia, em vez do móvel cheio de louvores, havia uma porta.

2

Onde se esconde habitualmente um espectro?

Num lugar escuro e sossegado. No sótão. Ou então, como neste caso, na cave. *Tocou-me a mim a ingrata tarefa de o recordar*, pensou Mila.

Olhou para baixo e só então se deu conta dos riscos no pavimento de madeira, sinal de que o móvel era removido frequentemente. Colocou-se num dos lados da estante e vislumbrou a porta. Introduziu os dedos na fresta e puxou. A *memorabilia* tilintou, o móvel inclinou-se perigosamente e Mila conseguiu, finalmente, encontrar uma abertura suficientemente larga para passar.

Abriu a porta e a luz do dia penetrou de imediato no antro. Mas Mila teve a impressão de que era o escuro que tinha dentro de si que a assaltava. A porta tinha sido insonorizada com um material próprio, para não deixar passar ruídos para dentro ou para fora.

Logo depois havia uma escada, ladeada por duas paredes de cimento rude, que conduzia à cave.

Procurou no bolso do fato treino a pequena lanterna e começou a descer.

Alerta, com os músculos tensos, prontos a saltarem. Ao fundo, a escada curvava para a direita, onde, presumivelmente, estaria a cave. Chegada ao fundo, Mila encontrou-se num espaço aberto, imerso na escuridão. Moveu o feixe de luz, à procura. Iluminou móveis e objetos que não deveriam estar ali em baixo. Um suporte para mudar fraldas, uma cama pequena e um parque. Deste último provinha um som cadenciado.

Vivo.

Aproximou-se lentamente, doseando os passos para não despertar a criança que estava a dormir envolta num lençol – precisamente adequado a um fantasma – e de costas para ela.

Tinha uma perninha de fora e exibia sinais de desnutrição. A falta de luz não tinha ajudado ao seu desenvolvimento. O tom da pele era pálido. Talvez tivesse um ano, ou um pouco mais.

Tinha de tocá-la, tinha de saber que era real.

Existia uma ligação entre o que viam os seus olhos, os distúrbios alimentares e o falso sorriso da senhora Conner. Aquela mulher não tinha simplesmente engordado. Tinha estado grávida.

O pequeno embrulho moveu-se, despertado pela lanterna. A criança voltou-se para ela, apertando contra si uma boneca de pano. Mila imaginou que começaria a chorar. Mas, em vez disso, limitou-se a observá-la. Depois, sorriu-lhe.

O fantasma tinha uns olhos enormes.

Estendeu as mãozinhas para ela, queria colo. Mila fez-lhe a vontade. A pequena abraçou-se de imediato ao seu pescoço com toda a força. Talvez intuísse que estava ali para salvá-la. A agente notou que, apesar da deterioração física, estava limpa. Aquele cuidado denotava uma contradição entre ódio e amor – entre bem e mal.

– Gosta de estar ao colo.

A menina reconheceu a voz e bateu as mãos, contente. Mila voltou-se. A senhora Conner estava ao pé da escada.

– Ele não é como os outros. Quer manter sempre o controlo das situações e eu não quero desiludi-lo. Assim, quando descobriu que eu estava grávida, não perdeu a cabeça – falava do marido sem o nomear. – Nunca me perguntou quem era o pai. A nossa vida devia ser perfeita, mas eu arruinei os seus planos. Foi isto que o arreliou, não a traição.

Mila fixava-a imóvel, sem dizer uma palavra. Não sabia como julgá-la. A mulher não parecia estar zangada, nem espantada por encontrar uma estranha. Era como se estivesse à sua espera há muito tempo. Talvez quisesse ser libertada.

– Supliquei-lhe que me deixasse abortar, mas não quis. Fez-me esconder a gravidez de todos e, durante nove meses, acreditei que,

no fundo, ele quisesse ter a menina. Depois, um dia, mostrou-me como tinha adaptado este local e, só então, percebi. Não se contentaria com o desprezo. Não, tinha de punir-me.

Mila sentiu um nó de raiva a apertar-lhe a garganta.

– Obrigou-me a ter o parto na cave e a deixá-la aqui. Ainda lhe disse que poderíamos deixá-la em frente a uma esquadra da polícia ou num hospital. Ninguém viria a saber. Mas ele já nem sequer me responde.

A menina sorria nos braços de Mila, nada parecia perturbá-la.

– De vez em quando, quando ele não está, levo-a para cima e mostro-lhe as irmãs enquanto dormem. Creio que se deram conta da nossa presença mas devem ter pensado que era um sonho.

Ou um pesadelo, disse Mila para consigo, recordando o fantasma nos desenhos e na história. Decidiu que já tinha ouvido o suficiente. Voltou-se para o berço para pegar na boneca de pano e saiu imediatamente dali.

– Chama-se *Na* – disse a mulher. – Ou, pelo menos, é assim que ela lhe chama. – Fez uma pausa. – Que mãe seria eu se não conhecesse o nome da boneca preferida da minha filha?

E a ela, deste um nome? Mila estava furiosa, mas não proferiu estas palavras em voz alta. Lá fora, o mundo não sabia nada da pequenina. A agente imaginava como poderia ter acabado aquela história, se não fosse ela.

Ninguém procura uma menina que não existe.

A mulher captou a repugnância no olhar de Mila.

– Sei o que está a pensar, mas nós não somos assassinos. Não a mataríamos.

– É verdade – concordou Mila. – Esperariam que morresse.